

Da materialidade do signo às inferências abduativas: um diálogo entre a semiótica e a teoria da leitura

From the materiality of sign to abductive inferences: a dialogue between semiotics and reading theory

Pedro Dolabela Chagas¹
Mariana Vitti Rodrigues²

RESUMO

Neste trabalho, propomos uma análise à luz da semiótica peirciana do processo de leitura em consonância com as teorias cognitivas, em especial a narratologia cognitiva. Nossa hipótese é que a semiótica possibilita a identificação de intenções autorais de produção de efeitos interpretativos ao oferecer um vocabulário preciso para a identificação de signos-pista que, ao serem percebidos no fluxo de leitura, podem incitar o leitor a inferir propriedades de personagens complexos. Exploramos esta hipótese a partir da análise da indexação de um personagem ficcional específico: Rubião, protagonista de *Quincas Borba*, de Machado de Assis. Ênfase será conferida a intenção de Machado de Assis de provocar inferências abduativas no leitor por meio da construção do personagem complexo na figura de Rubião. Por fim, indicamos que o potencial heurístico da semiótica possibilita a construção de um diálogo frutífero com a teoria literária e, em especial, com as teorias cognitivas de leitura e narrativa.

Palavras-chave: semiótica, narratologia cognitiva, teoria da leitura.

1 Universidade Federal do Paraná (UFPR), dolabelachagas@gmail.com.

2 Universidade Estadual Paulista (UNESP), mvittirodrigues@gmail.com.

ABSTRACT

In this paper, we propose an analysis of the reading process in the light of Peircian semiotics, in line with cognitive theories, especially cognitive narratology. Our hypothesis is that semiotics makes it possible to identify authorial intentions for producing interpretative effects by offering a precise vocabulary for identifying clue-like signs which, when perceived in the reading process, can prompt the reader to infer properties of complex characters. We explore this hypothesis by analysing the indexing of a specific fictional character: Rubião, the protagonist of *Quincas Borba*, by Machado de Assis. Emphasis will be placed on Machado de Assis' intention to provoke abductive inferences in the reader through the construction of the complex character of Rubião. Finally, we point out that the heuristic potential of semiotics makes it possible to build a rich dialogue with literary theory and, in particular, with cognitive theories of reading and narrative.

Keywords: semiotics, cognitive narratology, theory of reading.

Introdução

A memória do diálogo entre a semiótica e a teoria literária hoje parece distante. Houve um tempo em que Umberto Eco e Roland Barthes faziam a mediação entre as disciplinas, exercendo influência no debate brasileiro; se essa mediação ainda acontece na nossa produção acadêmica, ela não tem a mesma visibilidade. Nalguma medida, compreende-se que a hiperespecificidade do vocabulário da semiótica, em especial daquela desenvolvida por Peirce, dificulte a interlocução entre as áreas: mesmo que a divisão dos signos em múltiplas classes sofistiquem, complexifiquem e dê precisão à análise, essa precisão demanda conhecimento do sistema filosófico de Peirce, que engloba sua fenomenologia e sua tipologia detalhada de signos. Mas a teoria de Peirce não se resume à categorização de formas lógicas, que sequer é definida como finalidade em si mesma: o objetivo da teoria é compreender os tipos de signos empregados por agentes aptos a aprender pela experiência. Em especial, a riqueza de detalhes da sua semiótica permite superar a díade sujeito-objeto na compreensão da cognição humana, ao centrar o foco em relações (presentes ou possíveis). Relações não decorrem do estabelecimento

de uma fonte de determinação causal que atuará *sobre* outra coisa ou agente, mas correspondem a processos que se dão *entre* pessoas e pessoas, entre pessoas e coisas – entre leitores e textos.

No caso da leitura, que aqui nos interessa, falar que uma relação permite superar a díade sujeito-objeto é prever que o texto literário não determina, por si, as reações do leitor. O texto se oferece como fonte estruturada de estímulos à apropriação, pelo leitor, de oportunidades sequenciais de significação que poderão – ou não – ser efetivadas em cada situação empírica de leitura, e cujos efeitos – se e quando ocorrerem – serão orientados pela estruturação do texto, mas codeterminados pelas predisposições e capacidades específicas de cada leitor. Isso explica que, neste artigo, a retomada do diálogo entre a semiótica e a teoria literária transcorra numa interface indireta com as ciências cognitivas, especialmente com a narratologia cognitiva: por falta de espaço, não trataremos especificamente dessas disciplinas, mas o leitor familiarizado saberá identificar vários dos seus pressupostos em nossa argumentação.

Clarifiquemos a proposta. A partir da relação que a teoria de Peirce estabelece entre signo, indexação, interpretante e inferência abductiva, apreciaremos o potencial analítico da semiótica para a descrição da construção textual da narrativa de ficção. Interessa-nos a precisão que a semiótica confere à identificação, no texto, de intenções autorais de produção de efeitos interpretativos no leitor. Trata-se de identificar intenções autorais de comunicação pela materialidade de signos que, no decorrer da leitura, funcionam como signos-guia a incitar processos inferenciais no leitor. Como objeto de estudo, escolhemos a construção de personagens singularizadas, observando as maneiras como signos textuais podem exigir que, no processo da construção mental dessas personagens, as capacidades inferenciais da leitora operem num grau elevado de atenção e sofisticação interpretativa, para que ela consiga agregar num único indivíduo, com alguma coerência, seus diversos atributos físicos, psicológicos e comportamentais, papéis e status sociais, visão de mundo e estilo mental, planos, estados mentais e desejos de futuro, todos eles indexados nos contextos ficcionais da sua trajetória peculiar de vida. Uma personagem singular, vivendo uma trajetória singular em meio a personagens singulares, é o que encontramos em Rubião, protagonista de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, cuja construção textual analisaremos para exemplificar a contribuição da semiótica para uma teoria cognitiva da leitura.

A narratologia cognitiva propõe, em geral, que um texto de ficção é um tipo especial de comunicação, em que a articulação sequencial de signos escritos visa capturar os processos atencionais do leitor para alterar, de várias maneiras, seus estados conscientes. De acordo com essa descrição, textos buscam provocar efeitos variados e, pela nossa proposta, a semiótica permite identificar, especificamente, intenções de produção de efeitos interpretativos,

oferecendo um vocabulário preciso para a identificação de signos-guia que, ao serem percebidos por leitores que compartilham, nalguma medida, os códigos mobilizados no texto, levam à inferência de conteúdos variados – incluindo as propriedades dos personagens, nosso objeto de estudo. A um personagem complexo são atribuídas muitas propriedades que não estabelecem coerência fácil entre si: mesmo que cada uma delas, consideradas individualmente, possam ser processadas com o apelo a esquemas interpretativos que o leitor bem ou mal possui, em conjunto elas produzem uma figura imprevista, aberta a muitas interpretações possíveis, a ponto de impedir que algum esquema de pessoa real ou de personagem ficcional possa servir como modelo integral para a sua interpretação. Processos inferenciais ampliativos possibilitam, a cada passo do enredo, que a leitora estabeleça sentidos provisórios, mas entendemos que um tal personagem só poderá adquirir consistência, para ela, mediante um processo abduativo desenvolvido com relativa lentidão, durante a leitura. A análise semiótica de Rubião pode, então, indicar como uma sequência articulada de signos-guia atua para incitar e orientar, na ausência de um esquema bem consolidado para a interpretação das características que singularizam a personagem, o processo abduativo pelo qual a leitora lhe dará coerência – a sua coerência, pois é de supor que cada um construirá Rubião à sua maneira.

No momento certo, veremos como a indexação de Rubião é feita sobretudo de maneira implícita ou não ostensiva, ou seja: parte importante dos seus atributos não são diretamente codificados no texto. O texto apela fortemente às capacidades inferenciais do leitor, o que qualifica ainda mais a semiótica como instrumento de análise dos signos-guia articulados por Machado de Assis – cuja escrita opera menos como um diretório de informações, do que como um manancial de sugestões sobre os personagens. Antes de chegar à análise, comecemos pela teoria.

De signos-guia às inferências abduativas

A semiótica de Peirce busca oferecer um método para compreendermos os signos empregados e processados por agentes que, por meio de um raciocínio autocorretivo e autocontrolado, são capazes de conhecer a realidade através da experiência. Pela sua teoria, todo processo cognitivo é mediado por signos, e por meio desta mediação os agentes vivenciam o mundo em seus processos de percepção, significação e ação: a possibilidade de conhecermos o real através de processos sígnicos fundamenta o pragmatismo peirciano. O termo “pragmatismo” se explica porque o conhecimento desenvolvido de um objeto é caracterizado pelas possíveis consequências que esse objeto, a partir do conhecimento que dele se faz, teria para a nossa conduta (Peirce, CP 5.402, 1878): conhecer não é alcançar e estabilizar uma verdade apartada

do universo da experiência, mas ter a própria conduta alterada pela nova relação com o objeto. Em tempo, veremos que isso descreve adequadamente o conhecimento progressivo de um personagem ficcional, do decorrer da leitura. Mas se esses processos são mediados por signos, como os signos são definidos? O que é um signo, afinal?

Em geral, um signo é qualquer coisa que esteja no lugar de outra coisa que o determine, determinando, por sua vez, algum efeito em um intérprete possível. O signo “água”, por exemplo, materialmente construído pelo sequenciamento de quatro letras do alfabeto latino, aparece no lugar de uma substância que o determina por convenção linguística, determinando algum efeito (no leitor de um texto, por exemplo), de acordo com as funções – as relações entre signos – assumidas pelo termo num contexto específico (da leitura, no nosso caso). Um signo assim estabelece uma relação entre três elementos indissociáveis, que cumprem funções lógicas distintas: o objeto do signo determina o signo-veículo, que incorpora formas disponíveis de seu objeto, determinando o interpretante do signo ou um signo mais desenvolvido – correspondente aos efeitos que o signo-veículo, determinado por seu objeto, pode exercer na conduta do agente. A interrelação entre essas três funções lógicas é a base do processo de semiose, isto é, de ação do signo, capaz de exercer uma “influência, que é, ou envolve, uma cooperação entre três elementos, como um signo, seu objeto, e seu interpretante, uma influência trivalente que não é, de forma alguma, redutível a ações entre pares” (Peirce EP 2.411, 1907, tradução nossa). Ou seja, a relação entre os três elementos é diferente das relações entre cada um dos três pares implicados na tríade: a relação A-B-C é essencialmente diferente das relações A-B, A-C e B-C, mostrando-se irredutível, em seus efeitos práticos, a qualquer uma delas. Sequer se pode falar de uma somatória, melhor descrevendo-se a semiose como o efeito emergente, altamente contextualizado, da interrelação entre as três díades, de acordo com o diagrama abaixo:

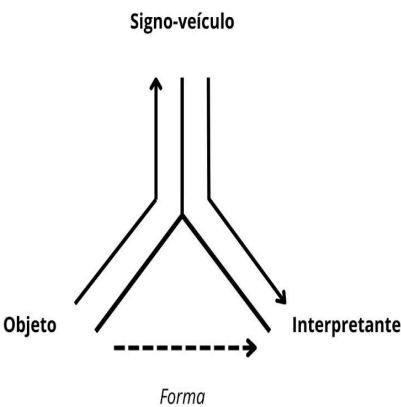


Figura 1 - Adaptada do texto “On Peirce’s notion of information”

Diante de um objeto de interesse analítico, o potencial heurístico da semiótica peirciana vem da ênfase em diferentes tipos de relações, a partir da consideração de suas funções lógicas no processo interpretativo, no contexto em que ele ocorre. É nesses termos que se pode falar das diferentes funções lógicas de “brigadeiro”: a palavra pode ser considerada um signo-veículo (um signo simbólico, no vocabulário de Peirce) que está no lugar de seu objeto (o doce de chocolate) e que, mediatamente, determina um interpretante ao convidar a pensar num tipo de doce. Muda-se o contexto, porém, e mudam as funções lógicas: numa base da aeronáutica, a mesma palavra pode remeter a um militar da alta patente, estabelecendo uma outra cadeia de relações semióticas, de funções diferentes e geradora de efeitos – interpretantes – diferentes. Seja qual for o caso, um interpretante pode cumprir três funções lógicas distintas, a depender do tipo de efeito que ele gera no intérprete: um interpretante pode ser emocional, energético ou lógico. Neste artigo, seguiremos a leve atualização dessa terminologia proposta por Paul Kockelman (2012), que fala de interpretantes “afetivos”, energéticos e “representacionais”: a mudança no primeiro e no terceiro termos é explicada pela maior generalidade, dado que “afetivo” e “representacional” são termos de aplicação mais extensa, por se referirem a manifestações e produções mais básicas na experiência humana (emoções seriam um tipo mais intenso de experiência afetiva, a lógica seria um tipo específico de produção representacional, e por isso os dois termos são substituídos por distinções mais elementares em cada campo fenomênico). É assim que, como interpretante afetivo, a palavra brigadeiro pode remeter a memórias de festas de aniversário na infância, mas dificilmente remeterá, hoje em dia, à candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da república em 1945 (quando o doce foi inventado para ajudar a financiar sua campanha). Como interpretante energético, tendo nos trazido associações positivas, ela pode nos motivar a ir a uma padaria comprar o doce. E a palavra ainda pode gerar um interpretante representacional se, por exemplo, gerar uma dúvida: num certo contexto, qual seria de fato o objeto do signo-veículo “brigadeiro”, um doce ou um militar?

Em síntese, em processos de semiose o objeto determina, via signo, possíveis efeitos – ou interpretantes – que podem ou não ser interpretados por um agente. A identificação de algo como signo-veículo pode nos motivar a buscar entender as propriedades daquilo que o está determinando; nesse caso, signos podem ser considerados como pistas das propriedades do objeto que eles representam. A partir de processos inferenciais, produzidos por agentes que compartilham um mesmo código ou hábito de conduta, dá-se a geração de interpretantes, signos mais desenvolvidos que dão continuidade à semiose como uma cadeia em que o efeito lógico do signo-veículo pode gerar um novo signo, que substanciará novas interpretações possíveis, num

processo contínuo. Para os nossos interesses, isso é tipicamente o que ocorre na construção mental de um personagem complexo, que transcorre através de inferências sucessivas de atributos (do personagem) aos quais o leitor progressivamente se habitua, e que atuarão como contexto de processamento de novos signos-guia oferecidos pelo texto, que motivarão interpretantes que agregarão novos atributos ao personagem, numa cadeia de expansão (da sua compreensão) que durará até o ponto em que o texto deixar de indexá-lo semioticamente – o que, no caso dos protagonistas do enredo, costuma ocorrer apenas ao final do texto.

Processos inferenciais possibilitam que agentes adotem um hábito de ação, ou crença, baseado em hábitos de ação anteriores. A percepção de tipos de signos que não se enquadram num conjunto de crenças estabelecido pode levar à quebra de hábitos, com a instalação de processos de dúvida, incerteza e ambiguidade. É nesse contexto – de dúvida, incerteza, ambiguidade – que processos abduativos se iniciam. Em Peirce, a abdução é caracterizada como um processo que leva o agente da surpresa à inquirição (Peirce 1905). É possível que, com a exceção do romance policial, o termo “inquirição” soe inadequado para a descrição da relação de um leitor com a ficção: é melhor falar de curiosidade, surpresa, do despertar de uma dúvida ou da percepção de uma ambiguidade que desestabilize certezas aparentes sobre algum elemento do mundo ficcional, reabrindo a interpretação. Feita a ressalva, a descrição peirciana do processo vale para a interpretação de um personagem ficcional: por ela, “[a]bdução é o processo de formação de uma hipótese explanatória. É a única operação lógica que apresenta uma ideia nova, pois a indução nada faz além de determinar um valor, e a dedução meramente desenvolve as consequências necessárias de uma hipótese pura” (Peirce 1977, p. 220). Na condição de hipótese, uma explicação abduzida é provisória: seu papel é guiar a conduta do agente à procura de novos signos-pista que confirmem, ou não, a hipótese adotada. Ao confirmar uma hipótese abduativa, o agente passa por um novo processo de habituação, pois sua inferência terá possibilitado a adoção de novas crenças sobre o objeto, apaziguando o estado de dúvida.

A estrutura silogística do raciocínio abduativo foi assim formulada por Peirce:

Um fato surpreendente, C, é observado;
Mas se [a hipótese] H fosse verdadeira, C deixaria de ser
surpreendente;
Então, há razões para suspeitar que H é verdadeira (Peirce, CP
5.189, tradução nossa).

O raciocínio abduativo é desencadeado pela percepção de signos-pista, seguida de um sentimento de surpresa que incita a tentativa de explicar o que foi percebido. Ele se inicia quando signos geram sentimentos afetivos

de surpresa, dúvida, incerteza, que impedem a compreensão do que se está percebendo. Esses sentimentos geram engajamento, o tipo de interpretante energético que incita à busca de novos signos-pista que confirmem uma nova coerência ao que fora desestabilizado, substanciando assim uma nova habituação. A sugestão e adoção de hipóteses que, se verdadeiras, dão conta de explicar o fato surpreendente, pode ser realizada de maneira autocontrolada pelo agente que domina o próprio pensamento – seus interpretantes “lógicos”, nos termos de Peirce –, mas costuma acontecer, no caso da leitura, de maneira intuitiva: leitores nem sempre refletem articuladamente sobre a própria relação com os elementos do mundo ficcional, o que faz que seus interpretantes representacionais subsistam, com frequência, como pano de fundo a orientar seus estados atencionais durante a leitura, apenas ocasionalmente fundamentando a formação de estados conscientes. Ainda assim, em termos semióticos a abdução é estruturada de maneira que a sua conclusão – seu interpretante – funciona como um convite à continuação do processo de semiose, até o restabelecimento do hábito que fora abalado pela dúvida ou surpresa que iniciara o processo inferencial: isso vale tanto para um processo orientado por interpretantes lógicos, quanto para um processo comparativamente intuitivo, orientado por interpretantes representacionais que, como pano de fundo, não se tornam objeto de atenção consciente.

Antes de passarmos à análise do texto machadiano, é preciso antecipar que não podemos confundir os processos abdutivos e os interpretantes de Rubião, em sua vivência do mundo ficcional – que, para ele, é o mundo da vida –, com os interpretantes e processos abdutivos potencialmente gerados no leitor a partir da atribuição textual de interpretantes representacionais, energéticos e afetivos ao personagem. Veremos, então, como a semiótica esclarece como a indexação textual implícita do personagem é capaz de estimular sua construção mental pelo leitor, ao indicarmos como a sua indexação é feita mediante a atribuição de propriedades diversas através da representação dos seus interpretantes afetivos, energéticos e representacionais em contextos diegéticos determinados por acontecimentos, possibilidades e interações pessoais variadas. Estamos interessados nos efeitos potenciais que as escolhas autorais dos modos de indexação do personagem podem ter sobre as possíveis interpretações do leitor: no signo-veículo “texto” (*Quincas Borba*), buscamos identificar intenções autorais de Machado de Assis (objeto que determina o signo “texto”) como produtor de signos-guia pontuais que visam, por sua vez, gerar processos inferenciais nos leitores que construirão Rubião abdutivamente. Isso não equivale a oferecer uma interpretação própria o personagem, nem a afirmar como “todo e qualquer leitor” inevitavelmente o interpretaria – interessam-nos os estímulos textuais a interpretações que, em cada situação empírica de leitura, ficarão a encargo de quem lê o texto. Dito de outra forma, interessa-nos observar como um autor de ficção pode

estimular processos inferenciais que sugerirão, ao leitor, características do objeto ficcional por meio dos possíveis interpretantes, ou efeitos do signo, que o texto atribui ao objeto ficcional no (em sua experiência do) mundo ficcional. Ao captarmos pistas dispersas pelo signo-veículo, podemos identificar como o autor estimula a inferência de características do objeto que, tendo sido determinado pelo autor, é incorporado através dos signos-guia que o autor distribui pelo signo-veículo:

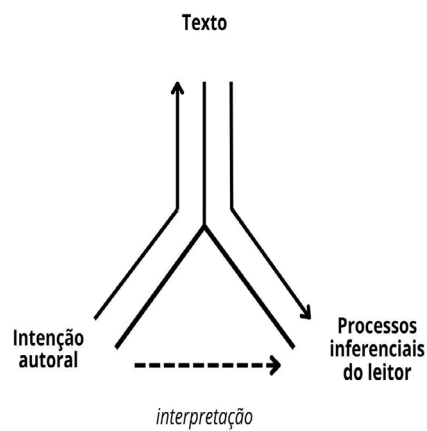


Figura 2 - Representação semiótica do processo de leitura de ficção

Contribui-se, assim, para uma análise do processo de leitura que investiga a intenção autoral, o texto, e a potencial interpretação do leitor como funções lógicas que direcionam o processo da leitura, sem engessá-lo em uma interpretação unívoca. Assim a semiótica pode conferir precisão à análise de intenções autorais de produção de efeitos de leitura, sem predizer os efeitos provocados em cada leitor – atendendo, nesses termos, ao postulado da indeterminação *a priori* dos efeitos da leitura (isto é, das suas variações em cada leitor ou ato de leitura), já estipulados no trabalho fundador de Wolfgang Iser (1976).

Com este quadro conceitual em mente, analisaremos o texto “Quincas Borba” explorando intenções autorais de produção de inferências abduativas na leitora, pelo recurso a um tipo específico de signos-pista: os interpretantes afetivos, energéticos e representacionais de Rubião (em suas relações com signos de diversos tipos), que atuam, para o leitor, como signos-guia dos seus atributos psicológicos e sociais. Nesta análise, buscaremos identificar intenções autorais de Machado de Assis na produção de signos-guia que têm, como objeto, propriedades pelas quais o personagem é indexado, e que possibilitam, ao leitor, inferências abduativas que se pretendem retrodutivas, ou seja: inferências que partem dos efeitos para buscar sua causa, por meio da coleta de signos-pistas que indiquem características potenciais do objeto de

interesse. Viajemos então à Barbacena de finais da década de 1860, período em que o enredo é situado.

Semiótica e teoria da leitura: relações entre a materialidade do signo e seu apelo inferencial

A construção abductiva de um personagem complexo é relativamente lenta, demandando o estabelecimento de relações com objetos – e de relações com as relações entre objetos – cujas propriedades devem ser inferidas em vários processos de semiose diferentes, mas convergentes, ao longo da leitura. No limite, tratar do processo global de abdução de Rubião demandaria identificar signos-guia presentes em toda a extensão do texto de *Quincas Borba*; mesmo que sem pretensões à exaustividade, essa tarefa excederia em muito os limites de um artigo. Por isso adotamos outra estratégia: analisaremos a construção inicial do personagem na abertura do enredo, identificando estratégias composicionais que Machado de Assis empregaria no restante do texto, para assim indicar tanto os modos textuais de estímulo à construção abductiva de um personagem complexo, em geral, quanto as condições subsequentes de complexificação de Rubião, em *Quincas Borba*, pelo recurso aos mesmos procedimentos textuais nos contextos de experiência que o personagem conheceria no restante do enredo. Dado que os procedimentos textuais empregados na indexação do personagem são repetidos no restante do texto, visando incitar processos semióticos semelhantes no leitor, entendemos que a análise detalhada do segmento inicial serve de exemplo do que viria depois. Ao mesmo tempo, ela permite indicar como aqueles mesmos procedimentos composicionais aprofundariam a complexificação do personagem, ao passarem a envolver suas relações com um quadro cada vez mais dilatado de personagens, ao longo de uma trajetória singular de vida. Ao final da leitura, tem-se um personagem inferencialmente construído através de uma longa sequência de abduções, que vão transformando a sua interpretação em seus sucessivos estados de vida, gerando habituações temporárias aos seus estados temporários, até o desfecho do enredo – quando é possível que o leitor estabilize para si uma interpretação final (pessoal) do personagem, ou que o personagem permaneça, para ele, relativamente enigmático ou misterioso.

Em geral, a indexação de um personagem é feita através de elementos textuais variados, enunciados por fontes diferentes (narrador e personagens), dotadas de autoridades diferentes (isto é, capacidades distintas de autenticação): nem todas as vozes têm igual credibilidade ou domínio sobre aquilo que dizem. Os elementos mobilizados para indexar um personagem compreendem adjetivações, falas e pensamentos do narrador, do personagem e de outros personagens – todos eles fontes ficcionais, criadas pelo autor, que parecerão, aos olhos da leitora, mais ou menos “neutras” (“objetivas”)

ou “pessoais” (“enviesadas”) em seus atos de caracterização do personagem. Um dado importante é que cada ato de indexação pode ser explícito ou implícito: ele pode ser ostensivamente articulado (codificado no texto), ou apenas sugerido, demandando (explorando) a capacidade inferencial da leitora. Isso posto, inúmeros tipos de signos-pistas poderiam ser analisados, mas vamos nos concentrar em enunciados que articulam a determinação de interpretantes afetivos, energéticos e representacionais de Rubião, colocando-se como signos-guia para alimentar os processos inferenciais da leitora. Um texto ficcional é uma produção linguística em que cada enunciado, cada fala do narrador ou dos personagens, é construída para produzir comunicação com a leitora. Quando os diálogos produzem interpretantes nos personagens, esses efeitos das relações entre eles são concebidos para produzirem efeitos na leitora que acompanha aquela relação. Isso significa que, ao analisarmos interpretantes afetivos, energéticos e representacionais de Rubião, ocasionados em suas relações acontecimentos, possibilidades e pessoas em Barbacena, nós os trataremos como oportunidades que o texto oferece para que a leitora infira informações sobre ele, articuladas um autor que, necessariamente apartado do processo de leitura, bem ou mal antecipara, no momento da escrita, as interpretações que aqueles enunciados possivelmente provocariam nos leitores que ele imaginava que seu texto poderia encontrar, tomando como modelo imediato aqueles presentes em seu próprio contexto de atuação (o que nunca elimina, é claro, os efeitos que um texto literário pode ter em gerações subsequentes de leitores).

O texto de *Quincas Borba* apela às capacidades interpretativas do leitor ao caracterizar, de maneira implícita, traços de temperamento e personalidade, propriedades físicas e comportamentais, predisposições valorativas e ideológicas, estilo mental e visão de mundo de Rubião. A condição implícita da indexação coloca nossa análise numa tensão constante, pois algum componente interpretativo poderá, a cada momento, estar implicado nas atribuições de intenção implícita de comunicação que identificaremos nos enunciados textuais – que são, em si, instruções à realização de interpretações, que assim se tornam quase inevitáveis na nossa análise de um texto desse tipo. Isso não elimina nossa ambição de evitar que nossas interpretações condicionem as análises, ou ao menos de mantê-las apenas minimamente implicadas em nossas atribuições de intenções a Machado de Assis. Queremos analisar intenções de estímulo a inferências interpretativas que sejam identificáveis no texto, resumindo-nos à identificação de signos-guia. Muitas vezes é difícil não objetivar o tipo de indexação que, pela nossa interpretação, Machado desejava que o leitor atribuisse ao personagem; ao fazê-lo não pretendemos, porém, definir o que todo leitor deve pensar sobre Rubião, mas apenas identificar oportunidades que o texto oferece para a sua interpretação, mediante a indicação de certo espectro de enunciados

implicados na sua indexação – no caso, interpretantes afetivos, energéticos e representacionais do personagem.

Importa também observar que a separação entre os interpretantes é heurística: no texto de *Quincas Borba* eles costumam vir em bloco, apenas com ênfase maior em uma ou outra variedade. Em Peirce, interpretantes afetivos, energéticos e representacionais emergem em níveis ascendentes de complexidade, em que os afetivos são os mais básicos, os energéticos pressupõem os afetivos, e os representacionais pressupõem a ocorrência dos dois primeiros. Pode ser que nossa análise confirme o postulado de Peirce, mas essa não é uma expectativa que nos orienta aqui. Como um construto artificial visando a produção de efeitos mentais variados, um texto de ficção pode conferir força à representação de um ou dois dos três tipos de interpretantes, para que ele(s), naquele momento, capture(m) a imaginação do leitor de maneira dominante; se outros interpretantes são articulados em conjunto, eles podem figurar como “fundo” do qual os outros emergem como “figura”. Essa ressalva é importante para clarificar nosso procedimento de análise: em regra, o texto de *Quincas Borba* articula a coocorrência de dois ou três interpretantes em cada enunciado analisado (ou sequência de enunciados), mas normalmente destaca um deles ou a correlação entre dois deles. Mesmo que a análise minuciosa dos enunciados confirme a lógica peirciana, a pragmática da comunicação pode conferir força dominante a um dos componentes da articulação, de acordo com os interesses da narração. Cumpre ressaltar, ainda, que os tipos de interpretantes identificados na análise da construção de Rubião são concebidos como signos-veículo (ou representamen) das intenções autorais de Machado de Assis que, na cadeia semiótica da possibilidade de leitura (intenções do autor, texto, processos inferenciais do leitor), podem gerar interpretantes (afetivos, energéticos e representacionais) no leitor que, não serão, porém, necessariamente semelhantes aos vividos pela personagem.

Nosso argumento central é que um personagem ficcional é complexificado pelo acúmulo sequencial de indexações variadas, cujas condições de coerência interna não podem ser induzidas ou deduzidas de algum esquema de personagem tradicionalizado na história literária, ou de algum esquema derivado do conhecimento de pessoas reais. Esquemas desenvolvidos na leitura da ficção ou da experiência de mundo não bastam, ao que se soma a singularidade da trajetória de vida do personagem, que impõe novos processos abduativos ao leitor em cada segmento do enredo, complexificando progressivamente – e cumulativamente – sua caracterização, mudando continuamente a sua indexação.

No caso de Rubião, tudo começa em Barbacena, onde ele cuida da saúde do amigo Quincas Borba – que aparecera como personagem secundário, mistura de louco e sábio, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rubião era

irmão da sua falecida noiva e, como somos informados pelo narrador, fizera “todo o possível para casá-los” (ASSIS, 1994, p.644). Isso oferece ao leitor um signo-pista como interpretante energético – a atuação de Rubião para concretizar o casamento – desprovido de explicação imediata, por aparecer dissociado, a esta altura, de interpretantes afetivos e representacionais que pudessem explicá-lo. No nosso entender, a falta de explicação sobre as motivações de Rubião implica um apelo a uma inferência interpretativa que possa supri-la: mesmo que o leitor ainda não disponha de informações sobre o personagem em quantidade suficiente para substanciar uma inferência qualquer, o enunciado pode estimular sua curiosidade sobre a motivação não revelada. Logo em seguida, recebemos uma informação biográfica dissociada de qualquer interesse claro para o contexto imediato, ao sabermos que Rubião “Regia então uma escola de meninos, que fechou para tratar do enfermo. Antes de professor, metera ombros a algumas empresas, que foram a pique.” (ASSIS, 1994, p.645) Por enquanto, essa informação não estabelece relação clara com qualquer outra, o narrador não a comenta, e talvez o leitor ainda não estipule, a partir dela, uma hipótese abduativa que lhe autorize a associar, de maneira causal, os fracassos profissionais de Rubião à sua dedicação ao amigo. Seja qual for o caso, uma próxima informação perturba um juízo simples: “Era real o desvelo de Rubião” (ASSIS, 1994, p.645). Se a inferência de algum interesse pessoal tivesse sido formulada a essa altura, o narrador informa, com autoridade, que o zelo de Rubião ao amigo era honesto; mais adiante, quando Borba lhe pergunta se ele era realmente seu amigo, Rubião responde enfaticamente que sim, “em um arroubo de ternura.” (ASSIS, 1994, p.649) Como dar coerência a tudo isso? Talvez seja ainda cedo para que a leitora tenha avançado seu conhecimento do personagem de maneira relevante, mas o grau de ambiguidade implicado nesta apresentação inicial já nos autoriza a prever que cada leitor reagirá à sua maneira – voltaremos a esse ponto várias vezes nas páginas seguintes.

No capítulo V somos introduzidos ao cão de Quincas Borba, a quem o dono é afeiçoado a ponto de batizá-lo Quincas Borba. Adiante o cão aparecerá com destaque, mas por enquanto, para a indexação de Rubião, é mais importante a sua incompreensão da estranha filosofia desenvolvida pelo amigo, o “humanitismo”: “Rubião escutava, com a alma nos olhos, sinceramente desejoso de entender; mas não dava pela necessidade a que o amigo atribuía a morte da avó. Seguramente o dono da sege, por muito tarde que chegasse à casa, não morria de fome, ao passo que a boa senhora morreu de verdade, e para sempre.” (ASSIS, 1994, p.648) No trecho temos seu interpretante representacional, mas também afetivo, em sua reação à explicação do humanitismo. Se os detalhes da morte da avó (de Quincas Borba) não nos interessam diretamente, a reação de Rubião – que, confuso, “acabou perguntando-lhe: E que Humanitas é esse?” (ASSIS, 1994, p.648) –

ajuda a indexar suas capacidades intelectuais. A dinâmica do trecho é tal que, tendo o humanismo sido exposto simultaneamente ao personagem e ao leitor, o texto dá ao leitor a oportunidade de fazer seu próprio entendimento da filosofia que Rubião não conseguia entender – uma estratégia de caracterização implícita em que signos-pistas vestidos de interpretantes afetivos e representacionais do personagem são usados para indexá-lo, ao (potencialmente) motivarem, no leitor, um juízo sobre a sua inteligência. No caso, o interpretante afetivo é dado pelo esforço infrutífero, aparentemente ansioso e aflito, de alguém que tentava, mas não conseguia entender o que era falado – enquanto o leitor, tendo sido exposto à mesma filosofia, pode avaliar qualitativamente a perplexidade do personagem. Talvez o leitor fique tão pasmado quanto ele, talvez ele entenda aquela filosofia e infira daquele interpretante um juízo negativo sobre a inteligência de Rubião, talvez ele não faça nenhuma das duas coisas – o texto, em todo caso, lhe oferece um signo-guia para a atribuição de novas propriedades ao personagem, mediante o estímulo a um processo inferencial específico.

Borba decide viajar ao Rio de Janeiro, e antes de partir vai registrar seu testamento. Como sempre, Rubião o acompanha; ao fazê-lo, “sentia bater-lhe o coração violentamente.” (ASSIS, 1994, p.650) O que esse interpretante afetivo sugere? Mais uma vez a resposta fica a encargo do leitor, mas aqui finalmente pode-se dizer que o interpretante afetivo de Rubião funciona como signo-guia passível de interpretação por dedução, pelo menos nos limites imediatos do contexto da enunciação: nesse caso, a emoção seria indicação de forte interesse pessoal no conteúdo do testamento. Mesmo que, por enquanto, o texto não confirme ostensivamente essa interpretação, aquele enunciado não está lá por acaso, e é possível que sua interpretação passe a integrar a indexação do personagem pelo leitor. Aquela possibilidade parece se confirmar, mas também se complicar, através de um interpretante representacional de Rubião, lançado subitamente e sem relação direta com qualquer outra informação provida anteriormente pelo narrador: ficamos sabendo que, horas depois da partida de Borba, “teve Rubião um pensamento horrível. Podiam crer que ele próprio incitara o amigo à viagem, para o fim de o matar mais depressa, e entrar na posse do legado, se é que realmente estava incluso no testamento.” (ASSIS, 1994, p.650) O procedimento é sofisticado: o trecho não afirma que Rubião receberia parte da herança, enquanto sugere seu interesse no testamento pelo seu interpretante afetivo à própria imaginação da circulação de uma fofoca acusatória em Barbacena; a imaginação da acusação pode não servir (para o leitor) como prova do interesse, mas permanece a sugestão (para o leitor) que ela fosse motivada pela autovigilância de Rubião, que, por meio dela, manifestava supor que seu interesse pelo testamento teria sido identificado pelos conterrâneos, que assim interpretariam suas ações sob aquele enquadramento.

Logo em seguida, somos informados que ele sentira remorsos por não ter procurado impedir a viagem do amigo, dado o estado avançado da doença; mais uma vez, o interesse altruísta é entremeado à possibilidade do interesse egoísta naquela amizade. Mas logo um interpretante representacional se interpõe: Rubião imagina o cadáver de Borba fixando nele um “olhar vingativo” e decide, “se acaso o fatal desfecho se desse em viagem, abrir mão do legado.” (ASSIS, 1994, p.650) Mais uma vez a indexação do personagem se dá pela representação da sua vida mental, caracterizada pela sucessão de estados conscientes de difícil interpretação. A reação à acusação imaginária de Borba revela um interpretante afetivo causado por que, exatamente? Pode-se inferir que ele se sentia culpado por não ter impedido uma viagem potencialmente perigosa para o amigo doente porque, de fato, desejava a sua morte, ou seria aquele interpretante afetivo determinado pelo temor da acusação (por Borba, pelos conterrâneos) de desejá-la? Se essas alternativas fazem sentido, é difícil escolher entre elas, ou mesmo decidir se alguma escolha é necessária (elas podem conviver na explicação do caso). O que podemos tentar inferir de tal estratégia composicional é a própria intenção autoral em causar, no leitor, uma miríade de significações possíveis. Quanto ao interpretante energético motivado pelo interpretante afetivo, Rubião renunciaria à herança como um ato de reparação a um sentimento real de culpa, ou como um ato público para se inocentar da acusação alheia? Pela letra do texto, seria possível dissociar uma potencial motivação da outra? Elas parecem coocorrer e se reforçar na mente do personagem, novamente deixando a interpretação do seu estado mental a encargo do leitor – que não terá, porém, o suporte do texto para fazê-las dedutivamente, pois ao invés de elas poderem se fundamentar nas propriedades de um personagem já bem construído, elas integram (e estão iniciando) o seu processo de indexação.

Esse último ponto é importante, e deve ser enfatizado: em *Quincas Borba*, Machado de Assis indexa seus personagens mediante a sugestão de propriedades que só lhe serão de fato atribuídas, por cada leitor, através de interpretações produzidas inferencialmente. Isso aumenta imensamente a variação da construção mental do personagem, em cada situação de leitura. Na sequência ora analisada, esse quadro recebe continuidade quando o narrador finalmente informa, de maneira explícita, que Rubião “tinha medo da opinião pública.” (ASSIS, 1994, p.651) Isso vem após o discurso indireto livre em que ele projeta para si o juízo que acredita que os conterrâneos fariam da tarefa que Borba lhe delegara, de cuidar do cão na sua ausência: “Em que havia de dar o professor! sentinela de cachorro!” (ASSIS, 1994, p.651) É um interpretante representacional, mas também afetivo, da sua autopercepção naquele microcosmo: “Com efeito, parecia-lhe ridículo; fugia aos olhos estranhos, olhava com fastio para o animal, dava-se ao diabo, arrenegava da vida.” (ASSIS, 1994, p.651) Esses interpretantes afetivos atuam

como signos-guia que indexam traços psicológicos do personagem, agora com o suporte de informações ostensivas do narrador. Em seguida, tem-se a primeira informação direta do seu interesse na herança, que o motivara, no mínimo, a cuidar do cachorro: em outro discurso indireto livre, ele manifestava para si “a esperança de um legado, pequeno que fosse... Era impossível que lhe não deixasse uma lembrança.” (ASSIS, 1994, p.650) Num interpretante representacional como esse – em que Rubião especulava sobre o reconhecimento que o amigo lhe devia –, o leitor finalmente encontra signos-guia que lhe permitem habituar-se a uma interpretação em que o interesse pela herança tanto explicava as ações recentes do personagem, quanto indexava (sob a mediação das informações sobre seus fracassos profissionais) algumas das suas propriedades permanentes. Nesse caso, é possível que um primeiro processo abduativo, suscitado pela interposição de variados signos-guia não coerentes, chegue provisoriamente ao fim com a habituação a certas características atribuídas a Rubião.

Enquanto isso, Borba lhe escreve do Rio. É uma carta estranha, escrita de maneira extravagante, que parece confirmar a suspeita de Rubião sobre o enlouquecimento do amigo. Com essa aparente constatação, “Rubião enxugou os olhos, úmidos de comoção” (ASSIS, 1994, p.652), num interpretante afetivo enunciado como manifestação emocional espontânea, não controlada, não testemunhada por ninguém, e por isso estereotipicamente honesta. Mas um pensamento então se interpõe, e vem “a lembrança do possível legado” (ASSIS, 1994, p.652). Com isso, o intepretante afetivo que indicava a honestidade da afeição é associado a um interpretante representacional estereotipicamente associado ao interesse material – ao que se segue a conclusão irônica, que opera como síntese dialética daquele par de opostos (que o personagem não racionalizara como tais), pela qual a possibilidade da herança “ainda mais o afligiu, por lhe mostrar que bom amigo ia perder.” (ASSIS, 1994, p.652) Sua dissonância cognitiva se anula, portanto, quando Rubião justifica a dor da perda futura pela consideração da bondade daquele que lhe deixaria dinheiro, eliminando o conflito entre o afeto desinteressado e o desejo egoísta: a dor era honesta porque motivada pela antecipação da perda de um amigo bom, cuja bondade era comprovada pela herança que ele lhe deixaria, herança que, ao atestar a bondade do morto, justificava a dor sentida – um vendaval de associações contraditórias entre interpretantes representacionais e afetivos, que funciona como signo-guia para a inferência, pelo leitor, de um estado mental tumultuado (desestabilizado, na nossa interpretação, pelo sentimento de culpa e pelo desejo de autojustificação).

Sua instabilidade mental vai ficando evidente. Se a carta parecia confirmar a insânia que ele identificava no amigo, ela também poderia revelá-la ao leitor que não convivesse com Borba de perto. Rubião teme que outros tenham acesso à carta, pois poderia ocorrer que, “provada a alienação

mental do testador, nulo ficaria o testamento, e perdidas as deixas? Rubião teve uma vertigem.” (ASSIS, 1994, p.652) Um interpretante representacional é seguido por um interpretante afetivo, associados de maneira causal autoexplicativa. Logo após a leitura da carta, Rubião recebe por coincidência a visita do médico que atendia o amigo e imediatamente “meteu a carta no bolso; o médico saiu, ele respirou. Escapara ao perigo de publicar tão grave documento, por onde se podia provar o estado mental de Quincas Borba.” (ASSIS, 1994, p.652) Mas nada é simples, pois “Minutos depois, arrependeu-se, devia ter entregado a carta, sentiu remorsos, pensou em mandá-la à casa do médico” (ASSIS, 1994, p.652); se a carta sinalizava alguma doença, era o que um bom amigo deveria fazer. Mas ele muda novamente de ideia: “considerou que era imprudência; o doente viria em breve, — dali a dias, — perguntaria pela carta, argüi-lo-ia de indiscreto, de delator...” (ASSIS, 1994, p.652) Esses são interpretantes representacionais da sua decisão anterior, que servem para justificar o ocultamento da carta, funcionando como signos-guia para que o leitor acesse os processos mentais pelos quais o personagem reduz a própria dissonância cognitiva: Rubião de fato parece acreditar na própria justificativa, numa manifestação inicial de uma tendência que ele manifestará inúmeras vezes ao longo do enredo – e em cada ocasião o texto estimulará o mesmo padrão de semiose, codificando interpretantes de Rubião que operem como signos-guia para a interpretação de seus processos mentais. Alguns desses procedimentos são tradicionalizados na história do romance, como o recurso ao discurso indireto livre – como quando, logo em seguida, ele “outra vez pensou no legado. Calculou o algarismo. Menos de dez contos, não. Compraria um pedaço de terra, uma casa, cultivaria isto ou aquilo, ou lavraria ouro. O pior é se era menos, cinco contos... Cinco? [...] Pior seria se o testamento ficasse nulo. Vá, cinco contos!” (ASSIS, 1994, p.652-3) Ao final do trecho, a divagação sobre a herança funciona como interpretante representacional que estabiliza, em definitivo, o interesse de Rubião – entre outras coisas, explicando retrodutivamente seu interesse pelo casamento de Borba com a irmã.

Ao final, a morte do amigo é informada numa nota publicada num jornal da capital. Duas reações de Rubião se destacam: ele fica aliviado ao não perceber, na nota, qualquer “alusão à demência” (ASSIS, 1994, p.653); em seguida, ele conclui ter-se livrado da obrigação de cuidar do cão e vai doá-lo à comadre Angélica. Interpretantes representacionais e energéticos são invocados para sugerir um quadro afetivo em que Rubião parece ter retomado o equilíbrio, por razões cuja moralidade, porém, é lançada ao juízo do leitor – pois seu equilíbrio fora reconquistado por duas causas externas: a ausência de conhecimento público da loucura garantia a validade do testamento, enquanto a morte do amigo o livrava do senso de ridículo pelo cuidado do cão. Com isso, os dois interpretantes operam como signos-guia para a indexação

do personagem, mediante a avaliação da moralidade implicada no estado mental motivado por razões como aquelas. Ao final, “Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás. Adivinhais por quê. Era nomeado herdeiro universal do testador. Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro.” (ASSIS, 1994, p.654) Ele se pega a calcular a quanto dinheiro isso correspondia, chegando ao número de trezentos contos – e “tinha ímpetos de dançar na rua.” (ASSIS, 1994, p.654) O interpretante afetivo indica um novo quadro emocional, dando continuidade à oscilação rápida e contínua dos estados mentais do personagem. Mas se essa felicidade é fácil de entender, ela produz um resultado impensável poucas páginas antes: Rubião é informado que o testamento condicionava o recebimento da fortuna ao compromisso de seguir cuidando do cachorro e, informado da cláusula, ele “achou-a natural, posto que só tivesse pensamento para cuidar na herança.” (ASSIS, 1994, p.654) Este interpretante representacional é interessante, indicando que a perspectiva da fortuna eliminara o senso de rebaixamento social que o cuidado do cão o fizera sentir. Na condição de signo-guia, “achar a cláusula natural” pode sugerir que, para ele, o cuidado do cão não era em si o problema, incomodando-o apenas ao incidir sobre o seu senso de fracasso pessoal. Ao dar acesso a um quadro mental modificado pela súbita mudança de status social, um interpretante brevemente enunciado opera como signo-guia para a inferência da importância do status social para o personagem, reforçando uma indexação já iniciada e agora confirmada, e assim habituando o leitor a acompanhar o personagem sob esse enquadramento.

Nos capítulos seguintes, os pensamentos de Rubião fornecem à leitora interpretantes representacionais que dão acesso à sua relação com o seu novo senso de status, transformado pela riqueza: Rubião não esquecia que muitas vezes tentara enriquecer com empresas que morreram em flor. Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que ‘mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga’. Tanto não era impossível enriquecer, que estava rico.

– Impossível, o quê? exclamou em voz alta. Impossível é a Deus pecar. Deus não falta a quem promete.” (ASSIS, 1994, p.655)

Esses últimos interpretantes representacionais apresentam uma explicação imprevista do próprio enriquecimento, tornando-o justo; não era sorte, mas merecimento. Cabe novamente à leitora inferir essa indexação do personagem, mas note-se a repetição do mesmo tipo de interpretante representacional, qual seja: a autojustificação, que, tipicamente, é associada a algum incômodo pessoal – pois com quem ele estaria de fato “conversando” ao falar tudo aquilo? Consigo mesmo, com uma voz abstrata da “opinião pública de Barbacena”? No texto, aquele “opinião pública” só aparece na mente

do personagem: não temos acesso a qualquer outro agente que verbalize as críticas e comentários que Rubião acreditava que se fizessem a seu respeito. O interpretante opera, no caso, como signo-guia para a indexação de uma vida mental continuamente perturbada pelo juízo alheio (o que pode ser afirmado sem pretensão ao diagnóstico clínico – “paranoia”, por exemplo –, o que forçaria o texto à condição de exemplificação de um conceito teórico, simplificando a indexação do personagem ao reduzi-la a exemplar de uma categoria).

No estado afetivo que o fazia ir “descendo e subindo as ruas da cidade, sem guiar para casa, sem plano, com o sangue aos pulos” (ASSIS, 1994, p.655), ele se pega pensando se ficaria em Barbacena ou se mudaria para o Rio. Interpretantes representacionais e afetivos nos oferecem novas indexações implícitas: Rubião “sentia cócegas de ficar, de brilhar onde escurecia, de quebrar a castanha na boca aos que antes faziam pouco caso dele, e principalmente aos que se riram da amizade do Quincas Borba.” (ASSIS, 1994, p.655). Há aqui sugestões fáceis de inferir, como o ressentimento que Rubião sentia das fofocas a seu respeito e o seu desejo de vingança (pela imposição da inveja àqueles que troçavam dele, talvez). Reforçamos o ponto anterior, porém: nenhum daqueles contrerrâneos ganha voz no texto. Jamais sabemos o que eles teriam falado, só temos acesso às impressões de Rubião; com isso, não há dados dialógica ou intersubjetivamente estabelecidos no mundo ficcional que sirvam de referência para atestar a realidade daquelas impressões – temos os interpretantes afetivos e representacionais da suposta fofoca sobre Rubião, mas ela não aparece diretamente. Em todo caso, ele se decide pela capital, “com os seus feitiços, movimento, teatros em toda a parte, moças bonitas, ‘vestidas à francesa’. Resolveu que era melhor, podia subir muitas e muitas vezes à cidade natal.” (ASSIS, 1994, p.655) Esses interpretantes representacionais do seu novo quadro de possibilidades oferecem imagens caricaturais do luxo da corte, tão radicalmente diferente da vida na província – dando a oportunidade ao leitor de inferir os gostos do personagem como suas propriedades permanentes, através da representação do tipo de desejo que a riqueza nele despertava. Seus desejos, no caso, operam como signos-guia para a indexação de alguns dos seus valores pessoais, que a leitora é convidada a qualificar de acordo com seus próprios valores.

A sequência em Barbacena termina com uma nota cômica, quando Rubião finalmente se lembra de ter deixado o cão na casa da comadre. Imediatamente seu desequilíbrio retorna; a caminho de resgatar o cachorro, “acudiram-lhe todas as idéias feias, algumas extraordinárias. Uma idéia feia é que o cão tivesse fugido. Outra extraordinária é que algum inimigo, sabedor da cláusula e do presente, fosse ter com a comadre, roubasse o cachorro, e o escondesse ou matasse. Neste caso, a herança...” (ASSIS, 1994, p.655) Diante da possibilidade de perder a herança, “A cláusula começava a parecer-lhe

extravagante” (ASSIS, 1994, p.655), e enquanto não encontrava o cão, “a testa e as costas das mãos do nosso amigo ficaram em água. Outra nuvem pelos olhos. E o coração batia-lhe rápido, rápido” (ASSIS, 1994, p.655) para ter o cão de volta, “Rubião pegava-se com os santos, prometia missas, dez missas...” (ASSIS, 1994, p.655). Assim se encerra a montanha-russa emocional em Barbacena, indexada por uma sucessão de interpretantes afetivos, energéticos e representacionais que operam como signos-guia para a inferência de atributos psicológicos permanentes e padrões de comportamento e ação de um personagem mentalmente instável – instabilidade que fará com que ele, até o restante do enredo, perca o controle de algumas das suas propensões mais típicas, que, ao ganharem rédea solta, o levarão à loucura. Tendo se habituado a ele, o leitor passará a acompanhar sua instabilidade num ambiente social novo, que o levará a direções imprevistas, mas relativamente coerentes com as propriedades indexadas na sequência inicial do texto. Ao final, esperamos que nossa análise semiótica tenha avançado a compreensão da estrutura de indexação da personagem, estrutura que, apesar de dinâmica, retém certo padrão ao agregar novas propriedades ao longo do enredo, suscitando novos processos abdutivos que poderão culminar em novas habituações, e assim por diante.

Considerações Finais

Dessa análise, apreendemos um ponto importante para a nossa argumentação: na leitura de *Quincas Borba* o leitor deve inferir propriedades (do personagem) realizadas através de indexações indiretas, às quais é difícil atribuir coerência mediante o apelo a algum esquema de personalidade (aprendido na sua experiência real) ou de personagem ficcional (aprendido no seu histórico de leitura). Somando-se esse aprendizado inferencial das propriedades ao fato que elas não estabelecem uma coerência facilmente esquematizável entre si, tem-se que cada leitor construirá para si um Rubião relativamente diferente, mesmo que todas as versões de Rubião sejam motivadas pela leitura do mesmo texto.

Pela nossa hipótese, esse é o resultado de um processo abductivo. Rubião se muda para a capital e o novo ambiente o transforma; ele se envolve nos empreendimentos comerciais de Palha e se apaixona por Sofia, sua esposa, ao interpretar equivocadamente a atenção que ela lhe concedia; cerca-se de luxo, sustentando o entretenimento de convidados que se aproveitavam da sua riqueza; desperdiça dinheiro em iniciativas políticas que alimentavam sua vaidade; dilui seu capital sustentando gastos que excediam sua renda; torna-se socialmente inadequado e manifesta delírios de grandeza; termina louco, internado e abandonado, até retornar com Quincas Borba, o cão, a Barbacena, onde eles agonizam e morrem em pouco tempo. Não é possível

delimitar com precisão as porções do enredo em que cada um daqueles estados e acontecimentos predominam, mas grosso modo essa é a trajetória do personagem, dividida em etapas relativamente identificáveis, que provocam alterações progressivas no seu quadro mental e comportamental, nem sempre confirmando sua indexação em Barbacena. Se é possível imaginar que o leitor chegara, naquela sequência inicial, a uma habituação provisória ao personagem, essa habituação será desestabilizada pela articulação textual de novas indexações implícitas e explícitas, que inaugurarão novos processos inferenciais que, com o tempo, levarão a novas habituações aos estados do personagem em cada sequência narrativa, até o desfecho do enredo. Para cada habituação, não há esquema predisponível que ofereça ao leitor um modelo de pessoa ou personagem que lhe permita interpretar dedutivamente a condição de Rubião: em cada sequência de transformação, a construção textual do personagem é genericamente a mesma que vimos na seção anterior, apelando a capacidades inferenciais sofisticadas e deixando interpretações a encargo do leitor. O que muda é a frequência com que a indexação implícita de Rubião é feita na interação com outros personagens complexos, fazendo com que os signos-guia sejam articulados sob a mediação das interpretações que o leitor fará das propriedades e comportamentos desses outros personagens, aos quais o leitor também se habituará apenas no decurso de processos relativamente lentos de interpretação inferencial, majoritariamente sem o recurso a esquemas que sirvam de modelo para a dedução das suas propriedades constitutivas. Com isso, se os procedimentos autorais mobilizados nos capítulos iniciais são genericamente os mesmos, eles passam a ser aplicados a uma quantidade maior de personagens, colocados em interação. Isso aumenta o custo cognitivo do processamento do texto, dada a intensidade da exploração das capacidades inferenciais do leitor.

Ao final, para estabelecer uma contribuição geral da semiótica à teoria da leitura, propomos descrever a construção mental de personagens complexos como um processo abduutivo: o exemplo de Rubião pode ser estendido a casos semelhantes na história da ficção narrativa em prosa, pois acreditamos que é assim, abdutivamente, que cada leitor constrói uma habituação personalizada a personagens para cuja interpretação não existem modelos facilmente disponíveis de esquematização da semiose. Na ciência, a abdução pode levar a proposições coletivamente reconhecidas e aplicadas; na leitura da ficção, a abdução leva a habituações pessoais a personagens com os quais cada leitora estabelecerá sua própria relação. Isso ocorre apesar de todos lermos os mesmos enunciados, na mesma sequência, o que decerto reduz a variabilidade das interpretações – mas elas sempre existirão numa quantidade virtualmente infinita, por serem codeterminadas por conteúdos atribuídos aos elementos ficcionais a partir dos processos inferenciais de cada leitor, em seu contexto histórico e social específico.

Ao lado dessa contribuição à teoria da leitura, pretendemos mostrar que a semiótica oferece instrumentos para a identificação de intenções autorais de produção de efeitos mentais no leitor, mediante a identificação de signos-guia articulados para estimular suas capacidades inferenciais. No caso de Rubião, descrevemos sua apresentação inicial como uma sequência de exposições do leitor a propriedades acessíveis apenas mediante a interpretação dos interpretantes do personagem a acontecimentos pontuais do enredo. Além de serem implicitamente articuladas, essas propriedades não estabelecem uma coerência fácil entre si, impondo um processo abduutivo relativamente custoso, que flexibiliza e personaliza a interpretação do personagem e adia a habituação do leitor. Toda essa descrição pressupõe a capacidade de identificar signos-guia intencionalmente codificados no texto, de acordo com intenções do autor – que é, por definição, a fonte de produção do texto. Ao fazê-lo, em momento algum precisamos estipular as interpretações que todo leitor deve fazer, ou que eles necessariamente farão no processamento do texto. Não defendemos nenhuma interpretação específica do personagem, nem tampouco prevemos as interpretações dos leitores. O que fizemos foi identificar estímulos textuais à atividade mental da leitora, que, em cada situação empírica de leitura, poderá (ou não) atribuir relevância – ou o tipo de relevância que nós identificamos – àqueles enunciados. Na medida em que a semiótica nos ensina a identificar tais estímulos, ela demonstra suas possibilidades de diálogo com a teoria literária, de maneira geral, e com teorias cognitivas da leitura e da narrativa, em particular. Se retomar o diálogo era um objetivo central deste artigo, esperamos, ao final, ter demonstrado sua viabilidade e fecundidade.

Referências

ASSIS, M. de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994 [1891].

ISER, W. *O ato da leitura*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

KOCKELMAN, P. *Agent, Person, Subject, Self. A Theory of Ontology, Interaction, and Infrastructure*. New York: Oxford University Press, 2012.

PEIRCE, C. S. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Electronic edition. Vols. I-VI, Hartshorne, C., Weiss, P. (Eds.), 1958 (1931-1935). Vols. VII-VIII, Burks, A. W. (Ed.). Charlottesville: Intelix Corporation. Cambridge: Harvard University Press.

PEIRCE, C. S. “Manuscripts” in the Houghton Library of Harvard University, as identified by Richard Robin, “Annotated Catalogue of the Papers of Charles S. Peirce”, Amherst: University of Massachusetts Press, 1967 (1905), and in “The Peirce Papers: A supplementary catalogue”, *Transactions of the C. S. Peirce Society* 7 (1971): 37–57. Disponível em: <https://archive.org/details/annotatedcatalog0000robi/page/n7/mode/2up>.